

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

O Problema das Proparoxítonas: A Perda da Vogal Postônica

SIMONE MECKLER FONSECA

JUIZ DE FORA
2007

O Problema da Proparoxítonas: A Perda da Vogal Postônica

por

Simone Meckler Fonseca

Dissertação apresentada ao Curso de Pós Graduação em Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre. Área de concentração: Lingüística.

Orientador: Prof. Dr. Mário Roberto L. Zágari

Juiz de fora
2007

O Problema da Proparoxítonas: A Perda da Vogal Postônica

Simone Meckler Fonseca

Dissertação aprovada em: 14 de setembro de 2007.

Examinadores:

Prof. Dr. Mário Roberto L. Zágari
(Orientador)

Prof^ª. Dr^ª. Cláudia Nívia Roncarati de Souza
(1^a Examinadora)

Prof^ª. Dr^ª. Sandra Helena Correia Monteiro
(2^a Examinadora)

Juiz de Fora
2007

Aos meus pais, Armando e Marlene, pelo apoio e incentivo constantes e por fazerem parte da minha vida.

Aos meus irmãos, Andrea e Francisco Otávio, pelo carinho e por dividirem comigo minhas angústias nos momentos difíceis.

AGRADECIMENTOS

A Deus, sempre presente em minha vida.

Ao Professor Mário Roberto Zágari, querido orientador, pelo carinho e amizade em todos estes anos de aprendizagem, pela paciência e sabedoria em conduzir este trabalho e por representar meu principal exemplo de pessoa, mestre e pesquisador.

À Coordenação de Pós-Graduação em Letras, pelo incentivo e colaboração.

Aos meus colegas do Mestrado, Daniela e Marco Antônio, por compartilharem comigo conhecimento intelectual e alegrias.

À Patrícia, pelo *abstract* e pela amizade incondicional

RESUMO

Esta pesquisa foi realizada com a finalidade de registrar e identificar o comportamento lingüístico de um fenômeno habitual no Brasil: o processo de supressão dos segmentos postônicos em vocábulos proparoxítonos e, especificamente, nos falantes de Minas Gerais, através do Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais. Amparados pela Teoria da Variação e a pesquisa sociolingüística, o principal objetivo de nosso trabalho foi determinar a hierarquia de contextos fonéticos que favoreçam o apagamento de um ou mais segmentos e indicar os elementos extralingüísticos (sexo, escolaridade, faixa etária, situação geográfica) capazes de serem ou não favoráveis a essa mudança, demonstrando que o sistema lingüístico português apresenta tendência paroxitonizante e que essa tendência originou-se no latim vulgar.

Assim, constatamos que os falantes mineiros, num processo normal de economia da linguagem, transformam as palavras proparoxítonas em paroxítonas, acarretando, deste modo, uma redução das proparoxítonas nesse registro de fala.

ABSTRACT

This research intends to register and identify the linguistic behavior of a common phenomenon that occurs in Brazilian Portuguese: the deletion of postonic segments in proparoxiton words, carried out particularly by speakers from Minas Gerais, what was observed through the project named *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais*. Based on Variation Theory and sociolinguistics research, the main aim of this work was to establish the hierarchy of phonetic contexts that constrains the deletion of one or more segments and to determinate the extralinguistic elements (gender, age, education, region) that are or not related to this change, demonstrating that Portuguese system exhibits a clear proparoxiton tendency and that this tendency has its origin in Vulgar Latin .

Therefore, we observed that speakers from Minas Gerais, in a process of linguistic economy, change proparoxiton words in paroxiton words, what represents a reduction of proparoxiton words in its register.

“A história dos homens não é linear nem homogênea, logo as sociedades são heterogêneas e essa heterogeneidade do social é determinante da heterogeneidade lingüística e condicionante da mudança”

Faraco, (1991, p.97)

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO	10
2- BREVE HISTÓRICO DA SOCIOLINGÜÍSTICA	12
2.1- VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGÜÍSTICA.....	21
3- ESTRUTURA PROSÓDICA DO PORTUGUÊS	26
3.1- SÍLABA	27
3.2- O ACENTO	29
3.3- O PÉ SILÁBICO	32
3.4- AS VOGAIS DO PORTUGUÊS	33
4- A LÍNGUA: SUA DERIVA NO CAMPO FONOLÓGICO	35
5-O PORTUGUÊS: LÍNGUA DE TENDÊNCIA PAROXITONIZANTE	40
6- A METODOLOGIA E O CORPUS	44
7- A (IN)VARIAÇÃO DAS PROPAROXÍTONAS: PROBABILIDADES FATORES FONÉTICOS	46
7.1- A REGRA VARIÁVEL: SEU CONCEITO	47
7.2- A AVALIAÇÃO DA PRESSÃO OU NÃO DO CONJUNTO DE FATORES	48
7.3- DESCRIÇÃO DAS VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS: ÁREA FONÉTICA	49
7.3.1- Variável silábica: O padrão anterior e o resultante	49
7.3.2- Variável fonética da sílaba postônica medial	50
7.4- PROGRAMAS UTILIZADOS	52
7.5- RESULTADOS E ANÁLISES	52
8- A (IN)VARIAÇÃO DAS PROPAROXÍTONAS: PROBABILIDADES FATORES SOCIOLINGÜÍSTICOS	56
8.1- FATOR SEXO	56
8.2- VARIÁVEL NÍVEL DE ESCOLARIDADE	57
8.3- VARIÁVEL ETÁRIA	57
8.4- VARIÁVEL CAMPO/CIDADE	58
8.5- VARIÁVEL VIAS DE COMUNICAÇÃO	59
8.6- DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	60
9- CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS	65
ANEXOS	

TRANSCRIÇÃO FONÉTICA

| a | como em pá.

| E | como em pé, anterior, baixo, aberto.

| e | como em dê, anterior, médio, fechado.

| i | como em si, anterior, alto

| O | como em pó, retraído, baixo, aberto.

| o | como em por, médio, retraído, fechado.

| u | como em tu, retraído, alto.

| y | 'i' assilábico, iode, como em pai.

| w | 'u' assilábico, vau, como em pau.

| p | não contínua, bilabial, surda, como em pá.

| b | não contínua, bilabial, sonora, como em bom

| t | não contínua, linguodental, surda, como em tu

| d | não contínua, linguodental, sonora, como em dá.

| tʃ | africada do /t/, como no espanhol 'mucho'.

| dz | africada do /d/, como no inglês 'jungle'.

| k | não contínua, alta, vela, surda, como em cá.

| g | não contínua, alta, velar, sonora, como em gato.

| f | contínua, labial, surda, como em foca.

| v | contínua, labial, sonora, como em vai.

| s | contínua, ápico-alveolar, surda, como em sim.

| z | contínua, ápico-alveolar, sonora, como em zero.

| ʃ | contínua, palatal, surda, como em chá.

|z| contínua, palatal, sonora, como em jeito.

|m| nasal, bilabial, como em má.

|n| nasal, ápico-alveolar, como em nariz

|N| nasal, palatal, como em junho.

|l| lateral, como em lei.

|r| vibrante simples, como em era.

|R| vibrante velarizada, retraída, como em erra.

|r| anterior, apical, vibrante, como no espanhol ‘rey’.

|ɾ| retroflexa, como no inglês ‘door’.

|ɻ| retroflexa, como no espanhol ‘último’.

O apóstrofe (') colocado antes de uma sílaba indica ser esta a sílaba tônica.

1- INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe-se a registrar e identificar o processo de supressão dos segmentos postônicos em vocábulos proparoxítonos nos falantes nativos da variedade brasileira do português, fato observado, no caso em pauta, em toda a extensão de Minas Gerais.

Nesse particular, o texto possui dois objetivos específicos: (1) determinar, no processo, a hierarquia dos contextos fonéticos que favoreçam o apagamento de um ou mais segmentos nesse tipo de vocábulo e (2) indicar os elementos extralingüísticos (sexo, escolaridade, faixa etária, situação geográfica) capazes de serem ou não mais propensos a provocar essa mudança.

Secundariamente, dois outros objetivos acompanham, como evidências, o principal: demonstrar que o sistema lingüístico português apresenta tendência paraxitonizante e que essa tendência provém desde a sua fase embrionária no latim dito “vulgar”.

Entre as possíveis utilidades do trabalho valeria ressaltar as seguintes: dá as razões por que os poucos vocábulos proparoxítonos do léxico português constituem-se de empréstimos tirados, em sua maioria, do latim literário, e por que a sua enunciação é geralmente alterada e, até mesmo, marginalizada por grande parte dos usuários; lança luzes sobre o processo de supressão dos segmentos postônicos, neste tipo de palavras, supressão que jamais fugiu à atenção dos gramáticos históricos e dos fonologistas do português, mas que, agora e aqui, graças às técnicas numéricas e estatísticas da Teoria da Variação e ao advento da pesquisa sociolingüística em nosso meio recebe nova luz e novo enfoque. Numa palavra: o tema é velho, mas a abordagem é nova. Isto é, trata-se de repensar coisas já sabidas.

Uma limitação, contudo, reduz o alcance da abordagem: a limitação do “corpus” imposta, sobretudo, pelo fato de ser muito restrito o conhecimento de palavras esdrúxulas por

parte do falante analfabeto ou de baixa escolaridade o que dificulta, em parte, um diálogo mais proveitoso.

O “corpus” consta da enunciação de 50 (cinquenta) vocábulos (ver as cartas nos ANEXOS). A sua seleção foi cuidadosa, precedida pela preocupação de fazer com que o máximo de contextos fonológicos possíveis ocorressem.

Os informantes são todos mineiros e residentes de áreas urbanas e rurais, através do que já se publicou ou em vias de publicação do “Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais”, volumes I e II da Universidade Federal de Juiz de Fora.

O trabalho será apresentado nos sete capítulos subseqüentes em que abordaremos: os primeiros estudos que relacionaram a Língua e o Social e o advento da Sociolingüística no século XX; a estrutura prosódica do português, onde uma visão geral dos fatores que, até certo ponto, ocasionam o fenômeno da supressão de vogais postônicas; a língua e sua deriva no campo fonológico; um breve levantamento histórico acerca de como se deu a supressão no latim; a metodologia e o corpus utilizados em nosso trabalho; e dando ênfase especial nos dois últimos capítulos onde faremos a análise dos dados e a descrição dos resultados procedentes da análise quantitativa desses, explicitando as variáveis lingüísticas e extralingüísticas selecionadas pelos programas SWAMINC6 E MINIALFA como relevantes estatisticamente pelo fenômeno.

2- BREVE HISTÓRICO DA SOCIOLINGÜÍSTICA

O Estruturalismo alcançou a posição de hegemonia no cenário da ciência lingüística com Ferdinand de Saussure que, através de sua concepção de língua, conseguiu responder à problemática inicial de que dispunha à Lingüística naquele momento: *produzir uma concepção de língua globalizante que pudesse orientar todos os estudos que dela se fizer.* (Lucchesi,1998, p.171)

A grande questão que marca o desenvolvimento estruturalista da lingüística é a de como a língua funciona, centrada na identificação das suas unidades funcionais e no estabelecimento das relações objetivas que lhe garantem o funcionamento enquanto um processo organizado e autônomo. Assim, dá-se início a luta por uma concepção social da língua. O lingüista francês, Antoine Meillet, insistiu em numerosos textos como sendo a língua um fato social, dando um conteúdo bem preciso a essa característica. Em seu artigo, “Comment les mots changent de sens”¹ (Como as palavras mudam de sentido), ele propunha uma definição desse “fato social”, enfatizando, ao mesmo tempo e sem ambigüidade, sua filiação ao sociólogo Émile Durkheim (CALVET, 2002, p13):

- “os limites das diversas línguas tendem a coincidir com os dos grupos sociais chamados nações; a ausência de unidade de língua é o sinal de um Estado recente, como na Bélgica, ou artificialmente constituído, como na Áustria”;
- “a linguagem é eminentemente um fato social. Com efeito, ela entra exatamente na definição proposta por Durkheim; uma língua existe independentemente de cada um dos indivíduos que a falam e, mesmo que ela não tenha nenhuma realidade exterior à soma desses indivíduos, ela é, contudo, por sua generalidade, exterior a eles”;
- “as características de exterioridade ao individuo e de coerção pelas quais Durkheim define o fato social aparecem na linguagem como evidência última”. (Meillet, Comment les mots changent de sens apud Calvet, 2002, p. 13-14)

¹ Publicado em L'Année sociologique, 1905-1906, reimpresso em Linguistique historique et linguistique générale, Paris, Champion, 1921.

Quase sempre apresentado como discípulo de Saussure, Antoine Meillet, contudo, com a publicação do Curso de Lingüística Geral, tomou distância e, segundo Calvet (2002, p. 14), Meillet ressalta que, *ao separar a variação lingüística das condições externas de que ela depende, Ferdinand Saussure a priva de realidade; ele a reduz a uma abstração que é necessariamente inexplicável*. Portanto, Meillet estava em desacordo com, pelo menos, uma das dicotomias saussurianas, a que distinguia a sincronia da diacronia e com uma das frases mais importantes do Curso (“a lingüística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma”). Enquanto Saussure procurou elaborar um modelo abstrato da língua, Meillet se vê em conflito entre o fato social e o sistema que tudo contém. Ou seja, para Meillet não se chega a compreender os fatos da língua sem fazer referência à história.

Frente a precisão com que Meillet definia a noção de fato social, as passagens em que Saussure declarava que a língua “*é a parte social da linguagem*” ou que “*a língua é uma instituição social*”, chocam por sua definição teórica. Para ele, o fato de ser a língua uma instituição social é simplesmente um princípio geral, uma espécie de exortação que muitos lingüistas estruturalistas retomarão depois, sem nunca prover os meios heurísticos para assumir essa afirmação. Para Meillet, essa afirmação deveria, ao contrário, ter implicações metodológicas, ela deveria centrar-se na teoria lingüística: a língua é, ao mesmo tempo, um “fato social” e um “sistema que tudo contém”.

Apesar de utilizarem quase a mesma fórmula, Saussure e Meillet não lhe dão o mesmo sentido. Para Saussure, a língua é elaborada pela comunidade e somente nela que é social; Meillet, por sua vez, dá à noção de fato social um conteúdo mais preciso. Enquanto Saussure distingue cuidadosamente estrutura de história, Meillet quis uni-las.

Assim, vimos que Meillet não demorou a se opor às concepções da lingüística saussuriana. O lingüista americano William Labov², numa nota, analisa a contribuição de seu predecessor e os limites da lingüística de Saussure. Assim (CALVET, 2002, p.31):

“Meillet, contemporâneo de Saussure, pensava que o século XX veria a elaboração de um procedimento de explicação histórica fundado sobre o exame da variação lingüística enquanto inserida nas transformações sociais (1921). Mas discípulos de Saussure, como Martinet (1961), aplicaram-se a rejeitar essa concepção, insistindo fortemente em que a explicação lingüística se limitasse às inter-relações dos fatores estruturais internos. Com essa atitude, aliás, eles estavam seguindo o espírito do ensino saussuriano. Com efeito, um exame aprofundado dos escritos de Saussure mostra que, para ele, o termo “social” significa simplesmente “pluri-individual”, nada sugerindo da interação social sob seus aspectos mais gerais.”

Segundo Labov, é impossível distinção entre uma lingüística geral, que estudaria as línguas, e uma sociolingüística, que levaria em conta o aspecto social dessas línguas. Portanto, a sociolingüística é a lingüística. Diferentemente de Meillet, que trabalhou com línguas mortas, Labov trabalha continuamente com situações contemporâneas concretas, ou seja, constrói um instrumento de descrição que tenta ultrapassar, integrando-os, métodos heurísticos da lingüística estrutural. E, a partir desse estudo, nascerá a lingüística variacionista.

O Círculo Lingüístico de Praga e a tendência funcionalista do Estruturalismo Lingüístico dirigida por André Martinet promoveu o aprimoramento da teoria saussuriana, articulada à concepção estrutural. A noção de funcionalidade se aplica à estruturação interna do sistema lingüístico, como também às funções que esse sistema desempenha na sociedade, constituindo um novo ciclo no desenvolvimento do Estruturalismo, por duas razões, segundo Lucchesi (1998, p. 173):

²William Labov, Sociolinguistique, Paris, Éd. De Minuit, 1976, p. 259

- (i) formalizou um modelo de análise que permitiu a aplicação dos princípios teóricos gerais de Saussure à análise concreta dos fatos lingüísticos; e
- (ii) buscou superar a contradição estabelecida por Saussure entre sistema e mudança, com o objetivo de dar maior concretude à apreensão e representação do objeto de estudo da Lingüística.

Dessa forma, juntou-se à concepção saussuriana de língua a noção de funcionalidade, desempenhando um papel decisivo ao permitir a integração da análise fônica da língua no campo lingüístico. Assim, o sistema fonológico que marcou profundamente os estudos lingüísticos nas décadas de 30, 40 e 50 consagra-se como a mais importante realização analítica da concepção de língua como sistema.

Contudo, os desafios de explicar diacronicamente uma língua só demonstraram as limitações do método estrutural e confirmaram a afirmação de Saussure sobre a impossibilidade de seu uso no estudo da dimensão histórica do fenômeno lingüístico. Dessa forma, no início do Estruturalismo Diacrônico, para se comprovar a mudança, era preciso abranger os chamados fatores externos ao sistema lingüístico, e, conseqüentemente, seria necessário aumentar a visão de língua com a qual se operava. Porém, sob o ponto de vista estrutural, a mudança deveria ser sistemática e absoluta, conseqüência de adesão de Martinet à visão sistemática de língua do Estruturalismo.

O Estruturalismo, vendo a língua como um sistema homogêneo e unitário, só pôde admitir uma lógica atuando em nível do sistema, o que nos mostra Lucchesi (1998, p. 176):

... a mudança fonológica devia ser regida por uma lógica única e operar sistematicamente. A demonstração de que a mudança fonológica não é regida por uma única lógica sistemática, mas por “várias lógicas concorrentes”, não apenas demonstra a incapacidade de a abordagem estrutural apreender adequadamente os processos de mudança lingüística como também atinge a sua concepção de língua. Se o sistema lingüístico é realmente unitário e homogêneo, como explicar que várias lógicas concorrentes atuem no seu interior? Ou, como explicar que ele opera de várias maneiras?

O estudo da linguagem através da abstração do seu contexto extralingüístico, segundo Labov (1972), recebeu um novo impulso por parte de Noam Chomsky, ao desenvolver seu conceito de gramática gerativa em sua obra *Syntactic Structures*, publicada em 1957.

Chomsky propõe que as línguas são sistemas biológicos utilizados pelos indivíduos para falar sobre o mundo, ou da representação mental que têm dele. Segundo ele, a utilização da linguagem ocorre através da articulação entre o que chama de sistema conceptual-intencional (articulação de idéias) e o sistema articulatorio-perceptual, de natureza sensório-motora.

Assim, é preciso que as expressões lingüísticas satisfaçam algumas condições impostas por esses sistemas externos para que as línguas possam ser utilizadas (BORGES NETO, 2004). Portanto, o gerativismo insiste em que os dados que serão objeto de estudo da lingüística não são enunciados dos indivíduos, mas sim suas intuições acerca da linguagem.

o gerativismo, dessa forma, realiza uma releitura da dicotomia *langue/parole* proposta por Saussure, e funda-se em dois conceitos básicos: competência, conjunto de regras internalizadas que permitem aos falantes emitir, receber e julgar enunciados da própria língua, e desempenho, conceituado como o uso efetivo da língua, resultado de fatores lingüísticos e extralingüísticos (PERINI, 1976).

Os gerativistas propõem o axioma da categoricidade para a análise de uma língua, ou seja, o conceito de que a língua é homogênea, não sujeita a qualquer fator externo. Com isso, seria passível de sistematização a partir da observação de um falante-ouvinte ideal.

Chomsky evidencia a sua discordância com as explicações funcionais, pois não há que se falar em restrições de caráter comunicativo/funcionais dentro da ciência lingüística, cujo foco seria o estudo da língua em sua homogeneidade, sendo o estudo *da estrutura lingüística* independente do estudo *do uso lingüístico* (LABOV, 1996).

De acordo com Labov (1972), Chomsky queria excluir qualquer variação social do campo da lingüística, e interpreta as variações como fruto da co-existência de sistemas lingüísticos, que poderiam ser acessados livremente pelos falantes.

O modelo gerativista, assim como no modelo estruturalista, parte do pressuposto de que estrutura lingüística e homogeneidade estão intrinsecamente associadas, o que exclui definitivamente o componente social atuante no desempenho como objeto de sua análise.

Como podemos observar, as correntes lingüísticas formais resistem a qualquer implicação social no estudo da língua, concentrando sua atenção em fatores puramente internos, sendo estruturais ou psicológicos; desse modo, consideram a influência dos fatores sociais como uma interferência disfuncional no desenvolvimento normal de uma língua (LABOV, 1996).

Foi a partir dos estudos de William Labov na comunidade de Martha's Vineyard, na década de 1960, que a análise sistemática da fala em seu contexto social pôde ser realizada. Esses estudos marcaram o início das pesquisas na área da Sociolingüística quantitativa, ou variacionista (CHAMBERS, 1995; TARALLO, 2004).

Com Labov, o objeto de estudo segue uma orientação anti-saussuriana, ou seja, contrária à corrente dominante e que deu origem ao Cours de Linguistique Générale. Assim, ao invés da langue, como fez Saussure, Labov centra seus estudos na parole. E ainda opondo-se ao mestre de Genebra, enfoca o estudo da parole de um ponto de vista social e não individual. A pesquisa realizada em Martha's Vineyard, de acordo com Elia (1987, p. 81), tem por base a:

... tendência para “centralizar” a primeira vogal desses grupos, ou seja, para torná-la mais “alta” (caminhando num sentido de e). Interrogou a respeito 69 informantes, tomando em consideração fatores de natureza intra- e extralingüística. Dentre os primeiros: a posição tônica ou átona do ditongo, o seu ambiente fonético, “quais as consoantes entre as quais está colocada”, a influência estilística (estilo familiar, emotivo, cuidado e lido). Fatores extralingüísticos seriam a condição de habitantes ou veranistas, a profissão, a idade, a origem étnica. Estabeleceu ainda Labov uma escala de quatro graus quanto à maior ou menor abertura do primeiro elemento do ditongo, ou seja,

detectou quatro alofones na pronúncia dos mencionados ditongos, se quisermos usar a conhecida e útil nomenclatura estruturalista. Observou ainda que a “centralização declinou fortemente para fins dos anos 30 e depois tornou a subir com o término da guerra”. Das suas pesquisas, concluiu Labov que: a) o alteramento é fenômeno dialetal, isto é, próprio da ilha de Martha’s Vineyard; b) que, na própria ilha, houve tendência para a normalização, ou seja, no sentido das pronúncias /ay/ e /aw/, próprias da língua-padrão; c) que, para essa evolução, concorreram causas sociais, como contatos maiores com o continente, através, principalmente, de uma considerável leva periódica de veranistas, que tem apenas tendências de recreio na ilha; mas também por meio da escola, particularmente a superior, aonde vão estudar os filhos de famílias locais.

Para Labov (1972), prescindir da dimensão social da língua é algo temeroso, pois restringe a análise lingüística a explicações puramente internas, e, por isso, pode acontecer que diversas questões acerca do sistema lingüístico fiquem sem solução adequada. Assim, de maneira distinta das teorias estruturalista e gerativista, que entendem a língua como um sistema monolítico, uniforme e homogêneo, a Sociolingüística defende que ela deve ser vista e analisada como um instrumento de comunicação em uma comunidade de fala.

Como consequência, Labov defende que a língua, mesmo considerada a partir de sua heterogeneidade, é tida como sistemática, o que traz as questões acerca da variação e da mudança para o centro da análise lingüística.

Em outras palavras, para a Sociolingüística variacionista, não seria possível compreender o desenvolvimento de uma mudança lingüística fora da estrutura social da comunidade em que se insere, uma vez que *é na heterogeneidade refletida através do desempenho que se deve buscar estrutura, sistema e funcionamento* (TARALLO, 1990).

As linhas gerais desta nova abordagem partem de três questões a respeito da mudança lingüística que, segundo Labov (1972), nem o estruturalismo nem o gerativismo conseguiram solucionar:

- A variação social e estilística da língua desempenha um papel importante na mudança lingüística?
- As regras fonológicas e gramaticais de alto nível de abstração podem ser afetadas pelos fatores sociais?
- Existe uma função adaptativa na diversificação lingüística?

A discussão proposta por Labov (1996) tem origem no fato de que a variação social³ e estilística⁴ forma o comportamento expressivo do falante, e pressupõe a possibilidade de opção de se dizer algo de diversas maneiras, isto é, as variantes são idênticas em seu valor referencial ou de verdade, mas opostas em sua significação social e/ou expressiva.

Dessa modo, o problema a ser resolvido pela pesquisa lingüística consistiria em verificar se essa variação estilística e social (contexto social de uso) e os fatores sociais estão implicados em profundidade nos processos mais sistemáticos de mudança lingüística, tanto de ordem gramatical como fonológica.

Para compreendermos os processos de variação e mudança lingüísticas, é necessário identificar de onde, dentro da estrutura social, surgiram, e a forma como se estenderam a outros grupos sociais. Ou seja, para os variacionistas,

não apenas a variação é essencial e intrínseca à linguagem humana, como os detalhes do sistema, cujo comportamento variável e socialmente influenciado, são a chave para a compreensão da dinâmica da mudança lingüística (MILROY & GORDON, 2003, p.7)

³Traços lingüísticos que caracterizam os distintos subgrupos de uma sociedade heterogênea.

⁴Modificações mediante as quais um falante adapta sua língua ao contexto imediato do seu ato de fala.

Com a influência dos fatores sociais nos processos de variação e mudança lingüísticas, Labov questiona o entendimento geral que, segundo ele, existe entre os lingüistas de que *tanto a variação sincrônica como a mudança histórica são diretamente afetadas pela necessidade de preservar o significado.*

De acordo com Labov (1996), não há dúvida de que os fonemas funcionam para distinguir o significado, mas a evolução histórica do sistema de fonemas não estaria estreitamente controlada por essa função comunicativa, pois a necessidade de preservar informação poderia omitir-se por causa de outros fatores diversos; ou seja, a utilidade funcional da linguagem seria mantida na maioria das vezes através da interação entre a produção variável com os processos normais de percepção e aquisição.

Assim, percebe-se que o foco de pesquisa da Sociolingüística variacionista consiste na averiguação de como a variação e a mudança lingüísticas são, ou não, sujeitas à influência de fatores sociais ou de restrições de ordem funcional. Essa averiguação deve ser realizada através de dados empíricos, retirados da fala em contexto real de uso, aos quais deve ser dado tratamento estatístico a fim de obter as freqüências de uso das variantes e que fatores (lingüísticos ou extralingüísticos) interferem nos processos de variação e mudança,

Conseqüentemente, todo e qualquer trabalho envolvendo variação pode e deve ser sistematizado, como mostra Tarallo (2004, p. 10):

... Tal sistematização consiste em primordialmente:

1. Um levantamento exaustivo de dados de língua falada para fins de análises, dados estes que refletem mais fielmente o vernáculo da comunidade;
2. Descrição detalhada da variável, acompanhada de um perfil completo das variantes que a constituem;
3. Análise dos possíveis fatores condicionadores (lingüísticos e não lingüísticos) que favorecem o uso de uma variante sobre a(s) outra(s);
4. Encaixamento da variável no sistema lingüístico e social da comunidade: em que nível lingüístico e social da comunidade pode ser colocado;
5. Projeção histórica da variável no sistema sociolingüístico da comunidade. A variação não implica necessariamente mudança

lingüística (ou seja, a relação entre contemporização entre as variantes).

A mudança, ao contrário, pressupõe a evidência de estado de variação anterior, com a resolução de morte para uma das variantes.

2.1- VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGÜÍSTICA

A variação lingüística é interpretada pelos sociolinguistas variacionistas como intrínseca ao uso da língua em uma comunidade de fala, sendo que as variantes⁵ não são utilizadas pelos falantes de maneira categórica, como previam os gerativistas, mas sim em frequências maiores ou menores, resultantes da influência de fatores tanto de caráter lingüístico como extralingüístico, isto é, características pessoais do falante como sexo, idade, classe social e escolaridade, como também o contexto social de uso (variação social e estilística).

Um fenômeno lingüístico interessa à Sociolingüística a partir do momento em que é constatada a variação, que não necessariamente dará origem a um processo de mudança. Em outras palavras, *nem toda variação implica em mudança*, ou seja, duas ou mais variantes podem conviver em um dado período histórico, em um processo de *variação estável*, sem que isso culmine em uma *mudança lingüística* (TARALLO, 2004).

Segundo Corvalán (1989), o processo de mudança lingüística começa quando uma variante se generaliza em um subgrupo de uma comunidade e adquire uma certa direção e significação social. Nesse processo, o traço inovador funciona como parte do sistema lingüístico em que surgiu, e, portanto, se generaliza gradualmente também a outros elementos do sistema.

⁵ Segundo Tarallo (2004), variantes lingüísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com um mesmo valor de verdade. As variantes encontram-se sempre em relação de concorrência (padrão x não-padrão; conservadoras x inovadoras; de prestígio x estigmatizadas). A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável lingüística.

Essa generalização contém a co-variação de um número de mudanças relacionadas durante um longo período de tempo, de tal maneira que antes que o processo se complete, se produzem normalmente mudanças na estrutura social da comunidade (CORVALÁN, 1989).

A interação das mudanças lingüísticas e sociais explica a complexidade de padrões de co-variação sociolingüística. O avanço da inovação pode ser acompanhado de uma consciência da mudança por parte dos falantes, o que pode levar à criação de um estereótipo social. Finalmente, o término da mudança ocorre quando a variável em questão se converte em um elemento lingüístico categórico que perdeu o significado social que tinha anteriormente (CORVALÁN, 1989).

Frente a esse processo, no qual interferem diversos fatores até a comprovação (ou não) da mudança lingüística, Labov (1972) propõe cinco princípios ou problemas que formam a base da metodologia variacionista, e que determinam os passos que devem ser seguidos em tal análise, quais sejam:

- Restrição (fatores condicionantes): consiste em determinar que tipos de mudanças e condições para a ocorrência da mudança lingüística são universalmente possíveis, uma vez que são por definição independentes de qualquer comunidade determinada.
- Transição entre dois estágios distintos de uma língua: consiste em identificar a rota seguida pela mudança lingüística entre tais estágios, e constitui-se em um problema lingüístico interno.
- Inserção: tem dois aspectos; ora a mudança se considera como inserida em uma matriz de outras mudanças lingüísticas, ou ainda como inserida em um complexo social, ou seja, em correlação com outras mudanças sociais. É na resolução desse

problema que o conceito de variável lingüística e os estudos da variação encontram sua mais valiosa aplicação.

- Avaliação: consiste em identificar as reações subjetivas dos membros da comunidade com relação à mudança em curso.
- Atualização: consiste em identificar os fatores tanto lingüísticos como sociais que motivam a mudança. A complexidade dos fatores que atuam na evolução lingüística fazem com que esse seja o problema mais difícil de resolver.

No entanto, a resolução de questões sobre mudança lingüística passa sempre por um grande problema: o fato de que se conta com informações muito restritas acerca da sociedade em que se inserem, ou seja, de estágios anteriores do sistema lingüístico.

A solução para este problema, segundo Labov (1972), está na realização de *estudos da mudança em curso a partir de um recorte transversal da amostra sincrônica em função da faixa etária dos informantes*. Assim, para a Sociolingüística, existe a possibilidade de que os movimentos da mudança lingüística sejam apreendidos ainda no seu curso de implementação, através do construto analítico do *tempo aparente* (LABOV, 1972).

Essa metodologia parte do chamado princípio da uniformidade, ou seja, da idéia de que existe uma mudança regular de comportamento lingüístico que se repete a cada geração, pois, no dizer de Labov (1996), *as forças que atuam para produzir a mudança lingüística na atualidade são da mesma categoria e ordem de magnitude que as que atuaram cinco ou dez mil anos atrás*.

Portanto, o estudo da mudança em tempo aparente está baseado no pressuposto de que as diferenças lingüísticas entre gerações podem indicar desenvolvimentos diacrônicos, ou seja, o comportamento lingüístico de cada geração reflete um estágio da língua, nos quais os

falantes mais jovens poderão introduzir novas formas que irão substituir gradativamente as que são características dos falantes de faixas etárias mais avançadas.

Desse modo, as variáveis sociolinguísticas podem ser analisadas mediante essa estratificação por idade, e os resultados, segundo Tarallo (2004, p. 65), podem indicar que

a relação de estabilidade entre as variantes avultará, se entre a regra variável e a faixa etária dos informantes não houver qualquer tipo de correlação. Se, por outro lado, o uso da variante mais inovadora for mais freqüente entre os jovens, decrescendo em relação à idade dos outros informantes, você terá presenciado uma situação de mudança em progresso.

Assim, a análise desses resultados pode indicar que o fenômeno segue ora em direção a uma relação de contemporização, na qual duas ou mais formas podem permanecer em *variação estável*, ou em direção a um *processo de mudança*, no qual uma variante se sobrepõe às demais⁶.

Entretanto, é evidente que os resultados de um estudo realizado em tempo aparente serão mais confiáveis se são complementados com estudos em tempo real (CORVALÁN, 1989). Segundo Labov (1996), os problemas implicados na interpretação de estudos em tempo aparente só podem ser solucionados através de observações em *tempo real*, ou seja, na *observação de uma comunidade de fala em dois pontos discretos no tempo*.

Portanto, uma teoria da mudança linguística deve guiar-se por uma articulação teórica e metodológica entre presente-passado e presente, ou seja, inicia-se o processo de investigação no momento presente; volta-se ao passado para o devido encaixamento histórico das variantes, retornando-se, a seguir, ao presente para o fechamento do ciclo de análise (TARALLO, 2004).

⁶ Os resultados referentes a um processo de *variação estável* geram um gráfico curvilíneo, uma vez que não há qualquer relação entre a faixa etária e as variantes, enquanto que um processo de mudança proporciona um gráfico em linha reta, decrescente ou ascendente.

Essa retomada pode ser realizada através de estudos de painel, em que são entrevistados novamente os mesmos informantes, ou através de estudos de tendência, onde será selecionada uma segunda amostra representativa. Uma vez que os dados de tempo aparente sejam correlacionados com os dados de tempo real, será possível reconstruir uma cronologia das características sociolingüísticas de cada etapa do processo de mudança (LABOV, 1996).

3- ESTRUTURA PROSÓDICA DO PORTUGUÊS

Uma das noções básicas da lingüística é a de constituintes. Constituinte é, segundo Bisol (2001, p. 229), *uma unidade lingüística complexa, formada de dois ou mais membros, que estabelecem entre si uma relação do tipo dominante / dominado*. Daí, a preocupação maior da prosódia ser o conhecimento da sílaba predominante, chamada *tônica*, uma vez que todo constituinte pressupõe um dominante (cabeça) e um ou mais dominados.

É de extrema importância que se tenha em mente que o constituinte prosódico não apresenta compromissos de isomorfia com os constituintes de outras áreas da gramática, uma vez que o constituinte fonológico, sintático ou morfológico tem suas próprias regras e princípios.

De acordo com Bisol (2001, p. 230), os constituintes prosódicos dispõem-se hierarquicamente na seguinte forma:

Hierarquia Prosódica

enunciado	U (do inglês <i>utterance</i>)
frase entonacional	I (do inglês <i>intonacional phrase</i>)
frase fonológica	Φ
grupo clítico	C
palavra fonológica	ω
pé	Σ
sílaba	σ

Bisol (2001, p. 230) ainda diz que os princípios que regulam a hierarquia prosódica, anteriormente apresentada, são:

- i) cada unidade de hierarquia prosódica é composta de uma ou mais unidades categóricas imediatamente mais baixa;
- ii) cada unidade está exhaustivamente contida na unidade imediatamente superior de que faz parte;
- iii) os constituintes são estruturas n-árias;
- iv) a relação de proeminência relativa, que se estabelece entre nós irmãos, é tal que a um só nó se atribui o valor forte (s) e a todos os demais o valor fraco (w).

Neste trabalho, dentre os constituintes prosódicos listados acima, nos deteremos ao estudo da sílaba, acento e o pé.

3.1 SÍLABA

A sílaba constitui a unidade básica que nos informa acerca de como está organizado o sistema fonológico de uma língua; entidade estritamente fonológica, não pode ser confundida com uma unidade da gramática ou da semântica.

Segundo Silva (2002, p.152), *sílabas são constituídas de vogais – que representamos por V – e consoantes – que representamos por C (...) A vogal é sempre obrigatória (...) A vogal é o núcleo da sílaba, e as consoantes ocupam as partes periféricas.*

De acordo com a definição acima, observa-se que a sílaba em português tem como núcleo a vogal. A enunciação da sílaba, quando esta é completa, dá-se por um aclave, um ápice e um declive. Ao ápice, sempre corresponderá uma vogal, uma vez que a vogal é o momento essencial da sílaba. É sabido que a sílaba do português é formada por três estruturas fundamentais: V (sílaba simples), CV (sílaba complexa, aberta ou leve por terminar no silábico) e, como sílabas fechadas ou pesadas, VC (em que falta o aclave) e CVC (sílaba completa, com aclave e declive). Dessa forma, temos o seguinte quadro de possíveis formações silábicas no português, conforme destacado em negrito:

V	a - zul
VV	au - tén -ti co
VC	as – te ca
VCC	ins - tru - tor
CV	pa - to
CVC	per - to
CVCC	mons - tro
CCV	pra - to
CCVC	gras no
CCVCC	trans - por - te
CVV	lei - te

CCVV	clau su ra
CCVVC	claus - tro - fo – bia

De acordo com essas estruturas, o menor padrão silábico do português é o V, e o maior, CCVCC, definindo, dessa forma, o tamanho mínimo e o máximo de segmentos da sílaba. Vale salientar que, para haver uma boa-formação, não basta que os segmentos se adaptem ao padrão silábico da língua, mas que haja um ajustamento às condições de boa-formação.

As consoantes que acompanham o núcleo são conhecidas como ataque (onset) e coda. *Ataque* para a consoante que precede o núcleo e *coda* para a consoante que ocorre após o núcleo. Contudo, essa relação não é estritamente linear, em termos de ataque – núcleo – coda, pois a estrutura da sílaba obedece a uma construção hierárquica.

Outro ponto a considerar é que a combinação dos fonemas na sílaba não se dá aleatoriamente, mas os fonemas seguem um padrão específico de combinação conhecida como *hierarquia de sonoridade* (Hooper, 1976). A hierarquia de sonoridade relaciona-se com o vozeamento. Quanto mais propenso seja um segmento para o vozeamento espontâneo, maior sonoridade ele tem. Os elementos de maior sonoridade, como as vogais, são candidatos a serem núcleo da sílaba, os de menor sonoridade são candidatos para funcionarem como ataque ou como coda.

Em português, o ataque máximo é de dois elementos, sendo o primeiro uma oclusiva ou fricativa labial, e o segundo, uma não-nasal. Essa condição de ataque forma a seqüência Obstruinte + Líquida (OL), seja esta líquida vibrante simples ou lateral, como **br** (brisa), **gr** (grama), **cl** (claro), **tl** (atlético). A coda pode ter as soantes **s** ou **z**.

Os exemplos acima estão de acordo com o *Princípio de Seqüenciamento de Soância* (PSS), desenvolvido por Clements (1990). Essa é a proposta para as generalizações que governam a ordem periférica de segmentos dentro da sílaba, colocada por alguns

gramáticos, desde o princípio do século passado. Segundo esse princípio, a partir de uma escala de soância, os segmentos com posição mais alta ficam no núcleo da sílaba; já os segmentos com posição mais baixa ficam nas margens. E essa regularidade de estrutura da sílaba deve-se ao *Ciclo de Soância* (CLEMENTS, 1990, p. 284), no qual o contorno da soância da sílaba ótima aumenta maximamente no início e cai minimamente no final como uma curva. Os sons obstruintes são os menos soantes, e as vogais são as mais soantes. A ordem da escala de soância é: O > N > L > G > V⁷.

Assim, as seqüências br e fl são permitidas no português pelo fato de crescerem em direção ao núcleo. Já *rb e *lf não são, uma vez que violam o PSS, já que o segundo elemento decresce em relação ao núcleo.

Sabe-se que a sílaba postônica não-final das proparoxítonas tem como molde a sílaba universal (CV ou CCV), e deve ajustar-se às seguintes condições, de acordo com Amaral (1999, p. 80):

1. O ataque pode ser simples ou complexo. Qualquer consoante pode representar o ataque simples. (pé.ta.la)
2. O ataque complexo tem que atender às Condições do Ataque: em C1, uma consoante [-cont] ou [+cont, +lab], em C2 uma soante líquida. (fá.bri.ca).
3. A sílaba não pode ter coda. (*mú.sir.ca)

3.2- O ACENTO

De acordo com Camara (1976), *tanto no português quanto no espanhol, a acentuação paroxítona é mais generalizada decorrendo para a língua um ritmo 'grave', que contrapõe ao ritmo esdrúxulo italiano, resultante da retenção dos proparoxítonos latinos e ao ritmo agudo do francês, que é uma língua de acento fixo, constituída de vocábulos oxítonos.* Com um amplo empréstimo léxico do tupi e das línguas africanas, o português brasileiro se

⁷Tais termos significam, respectivamente, O - Oclusivas; N - Nasais; L - Líquidas; G - Glides e V - Vogais.

diferencia do europeu por uma maior quantidade de vocábulos oxítonos. Concomitantemente, a língua padrão brasileira distingue-se da língua popular em detrimento da manutenção dos proparoxítonos, que tende a reduzir-se a paroxítonos pela supressão do segmento postônico, como *exérço* por *exército* (CÂMARA, 1976, p. 65).

O acento do primitivo indo-europeu diferia, quanto à posição no vocábulo, do acento latino e mesmo do acento grego. Enquanto nessas línguas deveria incidir apenas sobre as três últimas sílabas da palavra, no indo-europeu, era inteiramente livre, podendo recair sobre qualquer sílaba inicial, medial ou final, por mais extenso que fosse o vocábulo. Quanto ao acento do indo-europeu, é provável que, num momento anterior às primeiras migrações arianas, fosse um acento de caráter preponderantemente musical, um tom. Seria uma tendência dialetal da língua primitiva, que atuaria principalmente nos domínios orientais do território em que se falava o indo-europeu, tendo-se conservado assim nas línguas da Índia e no grego.

Alguns lingüistas falam numa origem indo-européia para a intensidade inicial que deveria primitivamente incidir sobre a raiz, a parte mais importante da palavra, que encerra a sua significação geral, e que na morfologia do primitivo indo-europeu, que não conhecia a prefixação, era o elemento inicial do vocábulo, ao qual se seguiam, sempre na mesma ordem, os sufixos e as desinências. Esse seria o caráter do primitivo acento latino, que continuava desse modo a tradição do itálico. Esse acento inicial, fortemente intensivo, predominou em latim até um, ou, no máximo, dois séculos, antes da época literária. Como acontece em qualquer língua que possua um acento intensivo, as palavras muito extensas costumam apresentar, além do acento principal, uma espécie de contra acento secundário, como, por exemplo, em português, palavras como *consideravelmente*, *impresumível*.

Assim, por ocasião da vigência da intensidade inicial em latim, os vocábulos mais extensos recebiam em sua parte final um acento secundário, que deveria recair na penúltima

sílaba da palavra se a referida sílaba fosse longa, e na antepenúltima se, ao contrário, fosse breve. Ainda antes do período literário, sofreria o acento latino uma transformação, tornando-se esse contra acento final o acento principal da palavra, passando a intensidade inicial do vocábulo a atuar como um acento secundário. A causa dessa transformação, que veio atingir apenas a localização do acento, parece acordar na analogia da maior parte das palavras da língua, que não contavam mais de duas ou três sílabas, confundindo-se assim acento inicial e final.

Mesmo com os primeiros documentos literários, não se teria completado inteiramente essa transformação, podendo, em determinadas circunstâncias, incidir o acento na primeira sílaba dos tetrassílabos (*fácilus*), ou nas palavras desse tipo de mais de quatro sílabas, conservando-se antes da penúltima sílaba, como no caso de *puéritia*. Um vestígio da intensidade inicial permaneceria na conservação dos fonemas de palavras, que geralmente se mantêm inalterados não só em todo o período da língua latina, como também na fase do romance e das modernas línguas neolatinas.

Os gramáticos latinos costumavam referir-se a três espécies de acento em latim: agudo, circunflexo e grave, seguindo as teorias dos gramáticos gregos. No latim, porém, não havia necessidade de se empregarem tais sinais pela extrema simplicidade das regras de acentuação. Entretanto, os gramáticos latinos insistem na afirmação da existência das três espécies de acento.

Observa-se que estudos modernos de fonometria experimental venham, de certo modo, trazer o seu consentimento, senão mesmo quase que uma categórica justificativa a essa teoria da concomitância da altura e da intensidade. Ora, isso se aplica a qualquer língua, por conseguinte, ao latim clássico. Verifica-se também que a intensidade, do ponto de vista fisiológico, é produzida essencialmente por uma contração violenta dos músculos localizados abaixo do tórax. Quanto à altura, esta é produzida pelas vibrações das cordas vocais,

dependendo da frequência dessas vibrações do comprimento e da tensão das mesmas. Mas além dessa tensão mecânica das cordas vocais, há de se considerar também o que os foneticistas e fisiológicos costumam denominar a sua tensão passiva. Ou seja, a simples passagem de ar mais violentamente expelido dos pulmões, o que sempre acontece na produção da intensidade. Assim, combinam-se no acento latino três elementos – intensidade, altura e quantidade. Não se pode negar, pois, uma natureza musical. Entretanto, observa-se que essa natureza musical não era o caráter único, nem mesmo dominante, no acento latino.

3.3- O PÉ SILÁBICO

As sílabas se organizam em pés, e esses pés, em palavras. A relação de relevância relativa apresenta um dos elementos do pé como o mais forte, e entre os pés, o mais relevante. Assim, a sílaba tônica de uma palavra ocorre sobre o relevante mais à direita.

O pé binário ou dissilábico é o mais comum e é caracterizado por uma sílaba forte e uma sílaba fraca. A mais forte, relevante, chamamos cabeça do pé. No que tange à relevância silábica, podemos nomear os pés em *iambo*, *troqueu* e *dátilo*⁸, quando forem respectivamente *oxítonos*, *paroxítonos* e *proparoxítonos*.

Afirmando que o idioma português é caracterizado pelo pé binário, Bisol diz que as proparoxítonas revelam um pé ternário no nível de palavra prosódica pronta, mas internamente desenvolvem um pé binário, na regra geral. Lee analisa com privilégio o iambo, no entanto considera as proparoxítonas como troqueus. Tendo em vista que o português é uma língua de pés limitados (binários), as proparoxítonas constituem uma exceção no sistema de acento. Dessa forma, é necessário fazer uso da extrametricidade, para encaixar as proparoxítonas no tipo de pé básico da língua (no máximo, duas sílabas num pé).

⁸ *Iambo* é o pé binário cuja proeminência do acento se dá à direita da palavra; e *troqueu*, é o pé cuja proeminência se dá à esquerda de palavras com pés binários. Já o dátilo, é quando a proeminência acontece à esquerda, porém este se dá em pés ternários (AMARAL, op. cit., p. 100).

3.4- AS VOGAIS DO PORTUGUÊS

Sabe-se que as vogais médias baixas e altas só contrastam em posição tônica. Assim, nessa posição, Mattoso Câmara. (1970) identifica a existência de sete vogais [a], [e], [E], [i], [o], [O], [u], representando os sete fonemas vocálicos do português.

As vogais portuguesas constituem o sistema vocálico triangular. Seriam vogais anteriores, produzidas através de um avanço da parte anterior da língua com elevação gradual; vogais posteriores, causadas por um recuo da parte posterior da língua seguida também de uma elevação gradual e um progressivo arredondamento dos lábios, entre as quais, tem-se a vogal /a/ como vértice mais baixo do triângulo de base para cima. Com a elevação gradual da língua, tanto na parte anterior quanto na posterior, classificam-se articulatoriamente como vogal baixa, vogais médias abertas, vogais médias fechadas e vogais altas.

Desse modo, no contexto da sílaba tônica, os sons vocálicos são simétricos e criam oposições como *b[a]to*, *b[e]co*, *b[ε]to*, *b[i]co*, *b[o]to*, *b[O]to*, *b[u]le*. Salientamos, também, que se classificam em vogais nasais, tônicas, pretônicas altas e postônicas orais, e estas últimas se subdividem em postônicas finais e mediais.

Como já vimos, as vogais constituem o ápice da sílaba. Por sua vez, a sílaba, apresenta-se como pretônica, tônica e postônica, a depender da intensidade, associada, por conseguinte, a uma ligeira elevação da voz . Nesse sentido, deter-nos-emos aqui apenas à postônica, uma vez que esta está ligada ao nosso estudo.

Nas posições átonas, observa-se a ocorrência de um processo de neutralização, condicionado prosodicamente, que provoca a redução do sistema vocálico. Primeiramente, tal redução decorre da neutralização do contraste entre vogais médias altas e baixas na posição pretônica e, em seguida, da neutralização de vogais médias e altas na posição postônica. Em decorrência disso, manifestam-se as vogais [a], [e], [i], [o] e [u] na posição pretônica e as vogais [a], [i] e [u] na posição postônica.

Contudo, em algumas regiões do nosso país, não ocorre categoricamente a neutralização das vogais na posição postônica final. Vogais médias de final de palavra que normalmente são realizadas como alta, tendem a se manifestar na região sul do país ora como vogais médias ora como vogais altas como pent[e] alternando com pent[i], garot[o] como garot[u].

Além disso, na posição postônica não-final, há contextos em que a vogal /o/ pode não neutralizar para /u/, como em cócoras; e há contextos em que essa neutralização se mostra, como em fósforo. De certo modo, o contexto em que se encontra a vogal determina a elevação ou não da vogal /o/, uma vez que a realização [u] tende ocorrer em ambientes de consoantes labiais.

Com relação à vogal /e/, também observa-se um comportamento variável em posição postônica não-final, ocorrendo elevação em formas como prót[i]se, cóc[i]ga. Porém, a vogal é preservada em contextos como cát[e]dra, vért[e]bra.

Através de estudos realizados, sabe-se que esse comportamento variável das vogais do português é determinado por fatores lingüísticos e extralingüísticos.

4- A LÍNGUA: SUA DERIVA NO CAMPO FONOLÓGICO

Cada língua tem, segundo Sapir (1921), uma estrutura apropriada somente a ela, uma estrutura característica.

Como muito bem sublinhou Trubetzkoy, Sapir chegou à noção da existência dos fonemas (os sound-patterns) e podemos encontrar neste último quase todos os elementos constitutivos do conceito de fonema, começando pela idéia de que, paralelo ao sistema fonético puramente objetivo de uma língua (a que só se chega mediante uma exaustiva análise fonética) existe um sistema mais restrito, interior ou ideal.

Se dermos, de novo, a palavra a Sapir (1921,p.148), veremos:

Descobri que era difícil ou impossível ensinar a um índio estabelecer distinções fonéticas que não correspondessem a nada de seu sistema lingüístico, ainda que tais distinções fossem percebidas claramente por nosso ouvido; variações fonéticas, no entanto sutis, eram facilmente transcritas, desde que pudessem referir-se com exatidão às características de seu sistema lingüístico

Foi em 1925 que Sapir chamou determinadas características fonéticas (ainda não havia fonologia), de uma língua como *points in the pattern*.

Há, portanto, em Sapir, a consciência de que, atrás do sistema puramente objetivo dos sons – que é típico de uma língua – um ou outro a que ele chamou um sistema “interior” ou “ideal”

Assumindo o discurso sapiriano, tentando entender, reentender, interpretar e reinterpretar o conceito de *deriva*, vê-se ter ele percebido que todas as línguas mostram uma tendência para o desenvolvimento de um ou vários procedimentos gramaticais particulares. Enfatiza-se a observação de que cada língua tenha um sistema fonético possuído de um plano determinado, acrescentando assim a idéia de que:

a evolução lingüística segue uma direção determinada, isto é, as variações individuais que a constituem ou a impulsionam são unicamente aquelas a que se movem numa direção precisa como as

ondas de uma baía que avançam, quando da maré, num determinado movimento. (SAPIR, 1921,p.152)

Ainda nesta mesma página, Sapir sublinha o fato de que “a história anterior da língua pode comprovar esta direção”. À época, a declaração não surtiu grande repercussão. Hoje, com a posição de Labov, tentando compreender o passado pelo presente, não podemos, ao aceitar este, esquecermo-nos daquele. Fica-nos uma certa impressão de que um complementa o outro.

No caso específico de Sapir, a contribuição dele que mais deu seguidores e críticos, foi aquela de que a língua impõe ao falante uma maneira de ver e interpretar o mundo, um verdadeiro prisma, através do qual ele fica obrigado a ver o que vê. Assim, embora o homem possa imaginar-se livre, na realidade está limitado a determinados condicionamentos de interpretação. Ou seja, nem todos os observadores, mesmo que tenham a vivência de iguais situações físicas, adquirem a mesma imagem de mundo, salvo se sua base lingüística for a mesma. A hipótese de Sapir, seguida por Malmberg (1979) e muitos outros, em tese, se associa à possibilidade de que a visão que o ser humano tem da realidade que o cerca esteja condicionada por seu idioma. Reconhecemos não ser possível, no atual estágio da ciência, dar crédito total a esta hipótese, embora haja indicações que sugerem, sem radicalismo, uma certa influência do sistema lingüístico na forma de pensar do indivíduo.

Se nos permitimos uma rápida saída do tema principal, isto deveu-se ao fato de que se a nossa busca são dados do presente, estes dados englobam, também, os dados do passado, e Sapir questionou a questão. Não poderíamos recorrer a Saussure (1916) porque nele a língua se nos apresenta como homogênea, nem a Chomsky (1965) pois o modelo gerativista, ainda que teórico e metodologicamente distanciado daquele, concorda com Saussure ao admitir a homogeneidade lingüística e ao excluir a variação de seus postulados. Basta lembrar que Chomsky delimitou como objeto de sua teoria lingüística a competência de um falante-ouvinte ideal, membro de uma comunidade completamente homogênea.

Já Labov, ao estudar a variação na sociedade, ao colocá-la pela vez primeira como objeto de estudo com princípio, meio e fim, foi aos poucos se aproximando e reconhecendo os estudos diacrônicos. Este passo aproximou definitivamente a **Socio** – da **Diacronia** e da **Dialectologia**. E Labov, em sua última obra, *Principles of Linguistic Change*, 1994, procurou demonstrar não haver razão para se supor que o câmbio fonético, isto é, a mudança fonética, haja operado no passado de maneira distinta àquela de hoje. Os mesmos fatores gerais, *mutatis mutandi*, que intervêm para produzir o câmbio fonético hoje devem ter intervindo em todos os tempos de maneira similar.

Com dez ou vinte séculos de desenvolvimento lingüístico à sua frente, os diacronistas, segundo Labov, sentem-se mais seguros do que os lingüistas formais que se guiam, principalmente, por suas intuições pessoais sobre o estado atual da língua. A Lingüística Histórica descansa firmemente no caráter objetivo e no amplo alcance de seus dados.

Mas, se para a Lingüística Histórica os dados são ricos de muitas maneiras, são pobres de outras. Os documentos históricos sobreviveram por acaso e a seleção disponível é produto de uma série de acidentes históricos. As formas lingüísticas de tais documentos são, com freqüência e com certeza, distintas do falar corrente de quem as escreveu e refletem, em troca, os esforços por produzir um dialeto normativo que nunca foi a língua nativa de nenhum falante.

Ao pegarmos a idéia de tentar compreender o passado, no domínio fonético, pelo presente, levamos em conta de que toda discussão a respeito da mudança fonética se baseia na existência de variáveis na comunidade lingüística. A contribuição fundamental de Janson (1982) para o estudo deste problema está no fato de haver distinguido cuidadosamente entre o que é produção e percepção dos sons. Uma vez ocorrendo uma variação fonética qualquer, os falantes que não usam a nova pronúncia têm, não obstante, uma visão clara do fato. Eles

desenvolvem uma regra segunda a qual o som “x” que eles ouvem é igual ao seu próprio som. Recorrendo, mais uma vez, a Labov analisando os dialetos nortistas do inglês norte-americano, observou ele que o falante que pronuncia [ay] no ditongo contido em palavras como I ou right, ao ouvir os falantes dos dialetos sulistas pronunciaram estas mesmas palavras com [a] longo, rapidamente desenvolvem uma estratégia de decodificação do tipo “seu [a] = meu [ay]”.

Aqui, cabe perseguir a distinção entre produção e percepção e esta diferença constitui uma contribuição ao estudo da mudança fonética. Adotado-se o princípio de que a mudança sonora [p] por [b] ou [k] por [g] seja instantânea, mas lexicalmente gradual, observa-se, ao longo da história da língua portuguesa, que alguns vocábulos não assumiram a nova pronúncia no mesmo instante, mas levaram algum tempo para a assumirem, ocorrendo, assim, o que muitos lingüistas chamam de “exceção”, como no caso do ditongo latino AU [aw] à época em que ele estava se convertendo em OU [ow].

A combinação AI [al] + consoante estava, também, começando a transformar a lateral [l] na assilábica [w], ou seja, na pronúncia ditongada [ow] e, desta maneira, havia a tendência para acontecer o mesmo que houve com o ditongo AU [aw]. Daí, se temos *paucu* > pouco, *auru* > ouro, *natural haver alteru* > outro, *palpare* > poupar e, no português arcaico, *calce* > couce, *falce* > fouce, tão fartamente documentados. Mas o processo não se deu tão rápido ou houve uma reação contra, por parte de outros falantes ou de outras regiões, de modo que ou continua a forma original ou o câmbio não se completou: *altu* > [altu / awtu], *calvu* > [kalvu / kawvu]. Como lexicalmente gradual, a variação fonética não alcança todos os vocábulos a um mesmo tempo. Há um percurso a ser feito e que, por vezes, não se completa.

Foi debruçando sobre as cartas fonéticas do Atlas Lingüístico de Minas Gerais que verificamos duas coisas que, a partir de agora, com base nos postulados expostos, passamos a explicitar, não sem antes sublinhar que o uso do presente para captar o passado na

totalidade do fenômeno lingüístico, depende ainda de muitos outros fatores, a começar pela busca de novos e mais dados. É claro que, se o passado fosse idêntico ao presente em toda a sua dimensão, o uso de presente para explicar o passado seria desnecessário. Não haveria o que explicar. O interesse, aqui, é mostrar que há pontos na variação fonética que chamam a atenção e não podem ser catalogados como feliz coincidência. São muitos os fatos e não são exclusivos do português. O campo latino, aquele que melhor conhecemos, nos provam isso.

Sapir mostrou (1921,P.149), fora dos neogramáticos, que a mudança lingüística em função de uma variação que os falantes usam ou encontram, mediante uma eleição, tende cumulativamente a uma certa direção. Como ele mesmo exemplifica, esta direção pode determinar-se, em certa medida, quando os falantes titubeiam em determinadas situações: se se deve dizer who did you see? ou whom did you see? o povo, ao usar, sem vacilações, who did you see? nos oferece a informação sobre a direção do movimento.

A variação fonética é, então, apenas um dos casos, ainda que muito importante, desta deriva. Se aqui estamos a tratar de variações fonéticas que entendemos possa ajudar-nos a compreender o passado, quando Sapir falou nos points, dentro desta deriva, quem sabe não estaria ele dando a Labov a chave de um *continuum* que nos permitisse explicar o passado pelo presente?

Nenhuma língua humana, todos os sabemos, é uma realidade estática. Todas apresentam, enquanto faladas por uma comunidade qualquer, grande variabilidade social, espacial e um lento, mas contínuo processo de mudança no tempo. O que pretendemos, nos exemplos que se seguem, é fazer uma viagem pelos caminhos da variação sonora na variedade brasileira do português.

5- O PORTUGUÊS: LÍNGUA DE TENDÊNCIA PAROXITONIZANTE

Já vimos que, reproduzindo o pensamento dos antigos, com razão afirmou Diomedes, dizendo ser o acento prosódico a alma da palavra: “*velut anima vocis*”,

De acordo com as palavras de Rocha (2001,p.41):

se ao latim literário a natureza proparoxítona do acento era tão natural quanto a paroxítona – tanto que a metade das suas formas lexicais se constituía de proparoxítonas -, não só o latim coloquial, mas também o *sermo* e o romance lusitanos seguiram um rumo, ainda hoje vigoroso, de transformar em graves os vocábulos esdrúxulos, quer procedam do latim literário quer constituam empréstimos de outras línguas. Essa tendência, rotulada no final do século passado pelos neogramáticos de *mínimo esforço*, no estruturalismo rebatizada como *economia* e formalizada através de regras contextuais pelos gerativistas, podemos hoje declarar estar contida na *deriva*.

Os vocábulos proparoxítonos, na fonologia diacrônica latino-portuguesa, foram transformados quase todos em paroxítonos, quando não em oxítonos ou monossílabos tônicos, pelo menos em nível de superfície ou em sua manifestação fonética:

PEDUCULU > PIOLHO

CALIDU > CALDO

POLYPU > POLVO

LITTERA > LETRA

LEPORE > LEBRE

TERMINU > TERMO

VIRIDE > VERDE

Na história da nossa língua, observa-se, então, ontem como hoje que, se *oculu* > olho, o brasileiro fala óculos [’Oklus], se *altera* > outra, hoje xícara é [’şikra].

Como é comum às gramáticas históricas versarem sobre o processo de deslocamento da tônica ou apagamento de uma sílaba no decurso dos tempos, podemos dispensar-nos de fazê-lo, mas é conveniente chamar a atenção para o fato de a terceira conjugação latina, detentora de mais verbos do que as outras três juntas, ter-se esvaziado pela passagem de suas formas à segunda e à quarta conjugações, devido ao deslocamento do acento tônico.

A maior parte das proparoxítonas que compõem nosso léxico decorre de empréstimo literário do latim, empréstimo que se processou em massa, via Igreja ou, então, a partir do período renascentista. Noutras palavras: influência erudita. Um passar de olhos nessas lexias é suficiente para demonstrar que o povo (no sentido de “grande massa”) estava ausente desse tipo de escolha: *prédica, cúpula, âmbula, cálice, alvíssaras, pólipos, idólatra, ípsilon, tômbola, zíngaro*.

Por outro lado, sabemos que a perda de uma sílaba nos vocábulos proparoxítonos é um fenômeno comum às variedades europeia e brasileira da língua portuguesa. O processo é sempre o do apagamento de uma sílaba pela supressão de um ou mais segmentos numa das sílabas postônicas ou em ambas.

Embora pareça ser um processo simples, na verdade, não o é. Constatamos que pode variar de palavra a palavra, de interlocutor a interlocutor, fato que explica a pluralidade de formas para um mesmo vocábulo e a existência de, no mínimo, três apagamentos distintos nos mapas apresentados:

FÓSFORO [ˈfɔsfuru], [ˈfɔsfru], [ˈfɔsfri], [ˈfɔsfu], [ˈfɔsfi]; como no passado *generu* > *genro*.

CÁLCULO [ˈkawkulu], [ˈkawklu], [ˈkawku], [ˈkawkru]; como no passado *oculu* > *olho*.

ÚTERO [ˈuteru], [ˈutru], [ˈutri], [ˈutu]; como no passado *littera* > letra.

SÁBADO [ˈsabu], onde dois são os segmentos que se apagam; como no passado *nudu* > nu.

CÁLICE [ˈkalis], onde somente a vogal final é suprimida; como no passado *voce* > voz, *pace* > paz.

O chamado *Appendix Probi* é um elenco de duzentas e vinte e sete formas “incorretas”, precedidas da respectiva correção, compilado em Roma, cerca de 310 a. D.. A importância do trabalho deve-se ao fato de registrar formas e pronúncias da língua viva. São formas colhidas no convívio com alunos e, de modo geral, com o povo romano. Esse dado torna inestimável o valor do *Appendix*.

Em nosso estudo, o *Appendix* reveste-se de particular importância, visto que, entre as 227 formas dadas por “incorretas” e antecedidas da respectiva correção, nada menos que 21 registram apagamentos de segmentos de vocábulos proparoxítono, o que nos permite uma comparação com os atuais processos de paroxitonização e uma identificação entre os procedimentos observados no falante de Roma de 1700 anos atrás e o falante mineiro de hoje.

Vejamos as supressões registradas no *Appendix*:

- 1- *speculum non speclum*
- 2- *masculus nom masclus*
- 3- *vetulus non veclus*
- 4- *vernaculus non vernaclus*
- 5- *articulus non articlus*
- 6- *baculus non vaclus*
- 7- *angulus non anglus*
- 8- *iugulus non iuglus*
- 9- *figulus non figel*

- 10- *masculus non mascel*
- 11- *barbarus non barbar*
- 12- *calida non calda*
- 13- *frigida non fricda*
- 14- *oculus non oclus*
- 15- *tabula non tabla*
- 16- *stabulum non stablum*
- 17- *tonitru non tontru*
- 18- *capitulum non capiclum*
- 19- *tribula non tribla*
- 20- *viridis non virdis*
- 21- *vapulo non baplo*

A relação ora apresentada é apenas para demonstrar que, tal como hoje, tais processos são recorrentes. Como veremos, o falante mineiro, principalmente o sem escolaridade, continua um “modismo” de todos os tempos.

O fato não pode ser considerado uma simples coincidência. Podemos-nos servir de um ambiente semelhante. Substituímos a consoante da última sílaba de uma proparoxítona por outra líquida, isto é, outra [+ dist]. Em lugar de [l] temos [r]: *úbere*. E as cartas mineiras atestam o fenômeno novamente.

Agora, se mantivermos o [r] da última sílaba, mas modificarmos a consoante para [+cont], sendo esta a única modificação ao ambiente já proposto, teremos vocábulos como *fósforo* e a regra continua atuando, mostrando uma deriva, uma repetição, hoje, dos fenômenos de ontem.

6- A METODOLOGIA E O CORPUS

Para o desenvolvimento do presente trabalho, foram utilizados dados do corpus do Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais, composto da enunciação de 50 (cinquenta) palavras esdrúxulas (proparoxítonas).

Os informantes encontram-se estratificados de maneira eqüitativa entre as variáveis sociais sexo (masculino e feminino), nível de escolarização (analfabetos, baixa escolaridade e superior) e faixa etária (entre 25 e 65 anos). E, para alcançar tal intento, tomamos por base um dos critérios básicos, segundo Tarallo (2004, P.27), que é a seleção de informantes por amostragem aleatória:

Tal critério deverá ser usado especialmente no caso de a comunidade estudada ser um grande centro urbano. A amostragem aleatória lhe dará a certeza de que você ao menos tenha dado a chance a todos os membros da comunidade de serem entrevistados. A consulta ao censo da comunidade é imprescindível, bem como a reflexão cuidadosa sobre os critérios de classificação dos informantes em grupos socioeconômicos.

A coleta dos dados, realizada nas décadas de 80 e 90, baseou-se na metodologia empregada pela Sociolingüística Variacionista (LABOV, 1992). Assim, após o cadastramento dos informantes, foi realizada a aplicação de um questionário com a intenção de obter registros de fala espontâneos.

O discurso espontâneo, segundo Labov, é o objeto de estudo ideal para o pesquisador da área da Sociolingüística. Desse modo, as questões feitas aos informantes foram elaboradas com a finalidade de neutralizar a monitoração característica de uma entrevista, com vistas a obter dos informantes respostas pessoais, onde há uma maior preocupação com o conteúdo do que com a forma (TARALLO, 2004).

A escolha dos informantes levou em consideração os seguintes requisitos:

- ser natural da cidade.
- nunca ter se ausentado da cidade por mais do que dois anos consecutivos

De posse do material, foi realizada a seleção dos dados de caráter lingüístico que foram utilizadas na presente pesquisa.

A codificação dos dados levou em consideração tanto os fatores lingüísticos como os extralingüísticos que hipoteticamente, a partir de um primeiro contato com os dados, pôde-se perceber que seriam prováveis influenciadores da freqüência do apagamento das vogais postônicas nas palavras proparoxítonas.

O estudo dessa freqüência é feito, segundo a metodologia de análise variacionista, através de modelos estatísticos, pois, como trata de regras variáveis, a ocorrência de uma ou outra variante estaria condicionada à influência de certos fatores lingüísticos ou extralingüísticos não de maneira categórica, mas como uma probabilidade.

No presente trabalho, essa etapa foi realizada através do programa computacional SWAMINC6. Para a probabilidade de aplicação da regra os modelos utilizados foram VARBRUL 2S e o MINIALFA.

A fase final da análise variacionista consiste na interpretação dos resultados numéricos oferecidos pelo programa, definindo a importância das variáveis através da freqüência com que ocorrem e quais fatores lingüísticos e extralingüísticos interferem na escolha dos falantes entre uma ou outra variante lingüística (BRESCANCINI, 2002).

7- A (IN)VARIAÇÃO DAS PROPAROXÍTONAS: PROBABILIDADES FATORES FONÉTICOS

Foi J. L. Fischer, num artigo de 1958, “*Social influences in the choice of a linguistic variant*”, que deu início ao estudo da variação lingüística no terreno das possibilidades. É ele o precursor do movimento hoje conhecido sob o nome de Teoria da Variação. Naquela época, contudo, o impacto do artigo foi pequeno. E isso perdurou durante quatorze anos. No mundo da lingüística, dominava absoluto, Chomsky e seu falante ideal.

É a partir de 1974 que esse tipo de pesquisa se desencadeia, graças ao desenvolvimento que lhe imprimiu o lingüista norte-americano, W. Labov, principalmente com o grande avanço da informática e suas técnicas numéricas e probabilísticas que só um bom computador, à época, e um bom programa poderiam oferecer.

Creemos ser hoje o estudo da Variação, isto é, as técnicas numéricas e probabilísticas da variação, dado importante e imprescindível na análise do fato lingüístico.

Fischer, ao estudar [n] e [ŋ] em vinte e quatro crianças notou que vinte e uma usavam ambas as formas e só três a forma padrão em vocábulos do tipo doing. Eram as comumente chamadas variações livres que ele observou, mais tarde, não serem tão livres assim. Na verdade, sentiu que elas eram controláveis.

Precisamente nessa época, N. Chomsky com seu falante ideal chocava-se contra a idéia de variação controlada, por ser este um dado nada abstrato. Talvez aí, mais do que qualquer outro motivo, o fato de a idéia de Fischer ter ficado sufocada. Mas em 1969 Labov pesquisou a linguagem dos negros em Nova Iorque: houve a preocupação de captar a linguagem em seu contexto natural, com inquiridores negros, ele que, inclusive, alugara um apartamento no Harlem.

Labov concluiu que a variação não era livre. Em base matemática, estatística e computacional, aliado ao modelo probabilístico que lhe trouxera David Sankoff, o processo ganhou terreno e adquiriu o status científico que hoje possui. De lá para cá, aperfeiçoado a cada ano, o programa se encontra em uso geral, tendo, no Brasil, sido empregado, pela primeira vez, por Anthony Naro e Miriam Lemle em 1976.

A variedade brasileira da língua portuguesa, língua que pertence a uma sociedade complexa e heterogênea e que, por isso mesmo, forma uma rede de falares e sub-falares, reflexo natural de um grupo étnico, cultural, social e econômico multifacetado é um terreno propício a pesquisas de teor sociolinguístico e as cartas do **ALEMIG**⁹ são um bom exemplo deste campo fértil, quer se queira observar o dado fonético, quer se queira pesquisar o dado morfo-sintático ou semântico.

7.1- REGRA VARIÁVEL: SEU CONCEITO

Regra variável, em sociolinguística, é uma regra facultativa. Quer dizer, pode ou não ser aplicada em um determinado ambiente. É conceito relativamente novo, introduzido por Labov há cerca de pouco mais de trinta anos, mostrando os fatores lingüísticos ou extralingüísticos que podem, num dado contexto ou numa dada situação, favorecer ou conter o emprego de uma certa regra

Labov mostrou que a variação não é aleatória. Há uma série de fatores que são capazes de “dirigir”, favorecendo ou desfavorecendo a aplicabilidade de uma regra. Mais ainda: Labov viu que, ao lingüista cabe descobrir as circunstâncias, lingüísticas ou não, que condicionam a aplicação de uma variável. Os fatores probabilísticos capazes de favorecer ou

⁹ Atlas Lingüístico do Estado de Minas Gerais

refrear o uso de uma certa forma são, portanto, uma medida resultante da estrutura da língua ou da sociedade e isso pressupõe uma série bem grande de experimentos.

7.2- A AVALIAÇÃO DA PRESSÃO (OU NÃO) DO CONJUNTO DE FATORES

Os fatores, isto é, as forças em jogo que influenciam na probabilidade de uma regra gramatical, podem ser agrupados de uma maneira tal que formem grupos em que os fatores sejam mutuamente exclusivos. A ocorrência de um determinado grupo implica na não ocorrência de todos ou outros neste mesmo grupo. Isso quer dizer que os fatores nunca co-ocorrem em um único contexto.

Tomando por base uma escala de valores entre 0 e 1, aqueles que, após o programa ter sido rodado, mostrarem as probabilidades abaixo de .5 (ponto cinco) são fatores inibidores em relação à aplicação da regra. O .5 (ponto cinco) é neutro, por marcar um divisor de probabilidades, segundo as chances de aparecerem ou não em uma certa regra. Acima de .5 (ponto cinco) são, logicamente, os fatores favorecedores. O peso relativo 0.50 indica que há uma possibilidade de que o fato ocorra 50 vezes em cada 100 casos.

Nesse sentido é válida a observação feita por Silva (2001):

Mesmo sendo o programa computacional bastante importante na verificação estatística dos fenômenos variáveis, cabe direta e irrestritamente ao pesquisador coletar, codificar, armazenar, estabelecer os grupos de fatores que condicionam a ocorrência do fenômeno em estudo e analisar os dados, com base na teoria variacionista. A função do programa computacional no processo de análise é de caráter coadjuvante, cabendo ao pesquisador o conhecimento necessário de todo o processo para a interpretação dos resultados.

7.3- DESCRIÇÃO DAS VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS: ÁREA FONÉTICA

Em nosso trabalho, as hipóteses lingüísticas levantadas no domínio lingüístico são exclusivamente fonéticas, presas ao padrão silábico; variáveis semânticas, morfológicas ou estilísticas não foram experimentadas.

Os fatores agrupados como possivelmente relevantes para a paroxitonização foram os seguintes:

7.3.1- Variável silábica: o padrão anterior e o resultante

Variável A: KVRV → KRV

onde **K** é uma consoante pura, [- cont]; **V** é uma vogal qualquer e **R** é a vibrante simples, [+ ant] [- lat]. São os vocábulos como abóbora, xícara, úbere .

Variável B: KVLV → KLV

onde a única diferença em relação ao padrão anterior está na líquida, igualmente [+ ant], mas sendo agora [- vib] [+ lat]. São vocábulos como óculos, cálculo.

Variável C: CVRV → CRV

onde **C** é uma consoante [+ cont]. São vocábulos como fósforo, pólvora.

Variável D: $HVCV \rightarrow HCV$

onde **H** é [+ vib], [+ ret], [+ alta]. São vocábulos como córrego, tórrido.

Variável E: $SVC_1V \rightarrow SC_1V$

onde **S** é uma sibilante [+ cor] [+ ant] [+ cont] e **C₁** representa uma consoante qualquer. São vocábulos como cócega, música.

Variável F: $KVKV_2 \rightarrow KV_2$

onde **V₂** é uma vogal diferente da primeira. São vocábulos como sábado, relâmpago lâmpada.

Variável G: $CVC_1V_2 \rightarrow CV_2$

onde **V** é uma vogal distinta da anterior. São vocábulos como pássaro, exército.

7.3.2- Variável fonética da sílaba postônica medial

Este grupo de fatores foi colocada levando-se em conta a diacronia da língua. Além da sílaba que resulta, ao ocorrer o apagamento de um segmento, a fonologia diacrônica do idioma oferece subsídios suficientes para que se constate que, no decurso da história, certas consoantes, de acordo com a posição ocupada são mais débeis que as outras.

Com efeito, o ambiente intervocálico foi pródigo para o apagamento das consoantes “lenis”, contribuindo de modo decisivo para a redução silábica:

no/d/u > nó

pe/d/e > pé

le/g/enda > lenda

iu/d/ice > juiz

ru/g/a > rua

pa/l/u > pau

lu/n/a > lua

te/n/ere > ter

Como essas consoantes tornando-se / Ø / ocasionaram a perda de uma sílaba, resolvemos levar em conta o dado, redistribuindo essas variáveis, conforme sua posição e a vogal imediata com a qual estava em contato:

Variável 1: K [- cont] com V [+ baixa]

Vocábulos como figado, lâmpada.

Variável 2: K [- cont] com V [+ ret]

Vocábulos como título, mármore.

Variável 3: K [- cont] com V [i]

Vocábulos como rápido, médico.

Variável 4: C [+ cont] com V [+ baixa]

Vocábulos como pássaro,

Variável 5: C [+ cont] com V [+ ret]

Vocábulos como fósforo, árvore.

Variável 6: C [+ cont] com V [i]

Vocábulos como trânsito, grávida.

Variável 7: Líqüida com vogal

Vocábulos como catálogo, cólica.

7.4- PROGRAMAS UTILIZADOS

Para calcular-se a frequência relativa à supressão de uma sílaba, para cada fator foi usado o SWAMINC6. Para a probabilidade de aplicação da regra onde o que se mede é o efeito de cada fator ajustado pelos efeitos dos outros fatores, os modelos utilizados foram os de Sankoff, sendo um o VARBRUL2 e o outro o MINIALFA.

Vários outros modelos estatísticos foram desenvolvidos para a verificação dos estudos lingüísticos variacionistas. O que teve verdadeiro destaque, no entanto, foi o modelo introduzido por Rousseau e Sankoff (1978). Baseado nesse modelo estatístico, Sankoff desenvolveu um programa computacional para pesquisas variacionistas, que foi posteriormente adaptado aos microcomputadores do tipo IBM, por Susan Pintzuk, em 1988 e 1992, passando a denominar-se VARBRUL2S, programa computacional utilizado para análise dos dados nesta pesquisa.

7.5- RESULTADOS E ANÁLISES

No primeiro grupo de fatores merece destaque o seguinte fato:

KVLV → **KL**V (variável B) com 92% de frequência e probabilidade .92 e .88 sempre com a última informação referindo-se a um resultado após apagamento do outro grupo.

Logo, este padrão silábico é fator favorecedor e os exemplos se sucedem:

cálculo ['kawklɹ],

músculo ['musklu],

óculos ['Oklus],

título ['tʃítlu].

Podemos, como anunciado na introdução, buscar evidências na diacronia, servindo, assim, de evidência para o fenômeno: *oculu* > olho, *vetulu* > velho, *masculu* > macho, *speculu* > espelho, *macula* > mancha.

KVRV → **KRV** (variável A) com frequência de 89% e probabilidade de .71 e .78. Mais uma vez os exemplos se acumulam:

abóbora [a'bObrɹ],

chácara ['ʃakrɹ],

xícara ['ʃikrɹ],

úbere ['ubrɹ],

útero ['utrɹ].

Corroborando o fato, a história da língua vem em socorro: *littera* > letra, *lepore* > lebre, *alteru* > outro. Vê-se que o presente comprova o passado.

Por que esse comportamento? Qual a razão de, em tais ambientes, os segmentos vocálicos serem apagados? Provavelmente porque as líquidas [l] e [r] têm a propriedade de

poderem unir-se a quase todos os tipos de consoante para formarem sílabas. A farta distribuição de tais sons que ocupam, em português, posições que outras consoantes não atingem, colocando-se, muitas vezes, numa distribuição própria às vogais ou assilábicas, determina a alta probabilidade de ambos os fatores. Como [kl] ou [kr] são sílabas típicas do português, essas situações contextuais são, assim, altamente favorecedoras da aplicação da regra de paroxítonização, ou seja, da perda de uma sílaba.

$SVC_1V \rightarrow SC_1V$ (variável E) com 73% de frequência e probabilidade .68 e .71.

A exemplo de:

cócega ['kOska],

cálice ['kalis],

vértice ['vERTʃis],

hipótese [í'pOtʃis].

Continuando a busca nas evidências históricas, temos: *versicu* > vesgo, *placitu* > prazo, *positu* > posto, *insula* > ilha, dentro do mesmo caso em que hoje se fala pêssego ['pezgu] e música ['muzga]. Como já foi dito, e seguindo Labov em *Principios del Cambio Lingüístico* (1994), onde, na parte *Introducción y Metodología*, o capítulo 1 (um) denomina-se *El uso del presente para explicar el pasado*.

Os três fatores acima enumerados estão, portanto, na primeira fila de valores ao se estabelecer a hierarquia de ambientes capazes de favorecer a perda de uma sílaba e a conseqüente paroxítonização do vocábulo.

O contexto que propicia a supressão do segmento vocálico é, então, aquele apto a congregar-se em sílaba natural. Por isso, o mais corrente é a existência de um segmento sibilante ou uma líquida para compor um final de sílaba –[as], –[is] ou –[us] ou um grupo consonântico como [kl], [kr], [pl], [pr], [fl] ou [fr] bastante produtivos em português.

Os fatores inibidores, desde a primeira vez que se rodou o programa, já se tinham apresentado de forma mais clara: a presença de vocábulos como ótimo, médico, farmacêutico, crítica, máquina, rápido, tinham apontado para a [- cont] [- nas], seguida de [i] imediatamente após a tônica, como forte fator para a não aplicação da regra: frequência de 17% e probabilidade .22, desde que não tivessem na sílaba postônica as consoantes [r] e [l]. Aqui, a presença da vogal [i] reforça a manutenção da proparoxítona e, uma vez mais, a diacronia vem em socorro: o vocábulo vernáculo lídimio, de uso erudito, mas proveniente, através de transformações populares sucessivas de *legitimu* denota, pelos séculos afora que o grupo [- cont] e [i] inibe a supressão silábica em casos dessa natureza. Eis o motivo por que hóspede, rápido, derivados, respectivamente, de *hōspede*, *rāpidu*, igualmente se conservaram proparoxítonos.

Quando em português se forma um grupo consonantal que a gramática normativa, por hábito, denomina “impróprio” (psicologia, apto, admissão, pacto) nota-se ser ao [i] que se recorre para, na fala, refazer o padrão silábico CV, ainda que o vocábulo soe proparoxítono (pacto, apto, ritmo) ou até mesmo sobresdrúxulo como em técnico. Quem sabe isso explica o fato de o [i] estar na raiz de qualquer processo inibidor de supressão silábica.

Se voltarmos às primeiras páginas com as correções do *Appendix Probi*, vamos observar, conjugando e balanceando os fatos, estar na deriva da língua, isto é, na disposição que o falante nativo tem com ela, a busca da paroxítona. Os dados estão aí: os processos de paroxitonização de outrora são essencialmente idênticos aos de hoje. Na própria sincronia, para se ficar em Saussure, a diacronia aparece e se repete: ['Okulus], ['Oklus], ['Okus].

8- A (IN)VARIAÇÃO DAS PROPAROXÍTONAS: PROBABILIDADES FATORES SOCIOLINGÜÍSTICOS

São aqueles que levam em consideração os aspectos sócio-culturais dos informantes. Segundo Tarallo (2004, p.46)

Tudo aquilo que servir de pretexto e co-texto à variável (isto é, tudo aquilo que não for estritamente lingüístico) poderá ser relevante para a resolução de seu “caso”. A formalidade vs a informalidade do discurso, o nível socioeconômico do falante, sua escolaridade, faixa etária e sexo poderão ser considerados como possíveis grupos de fatores condicionadores.

8.1- FATOR SEXO

A variável sexo sempre foi apontada em diversos estudos sociolingüísticos como um fator bastante importante, levando em consideração que é condicionante da heterogeneidade lingüística.

Do total de 996 informantes do “Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais”, 604 eram homens e 392 eram mulheres. Na discussão que se prossegue, qual o grupo, masculino ou feminino, que é mais conservador, a resposta permanece em aberto. O fato de ser homem ou mulher não é relevante para suprimir ou conservar todas as sílabas dos vocábulos esdrúxulos. A probabilidade de aplicação da regra para o homem foi de .53 e para a mulher .47, demonstrando-se um certo equilíbrio dentro do ponto neutro, apenas com uma ligeira tendência para o conservadorismo feminino. Segundo Silva (2001),

É sabido que o papel social da mulher difere, em vários aspectos, do papel social do homem, que, obrigatoriamente, não necessita de afirmação social. As mulheres têm mais consciência das formas de status social do que os homens, além disso, são mais receptivas à atuação da norma escolar. A responsabilidade na educação dos filhos também contribui para que detenham um comportamento lingüístico mais esmerado.

8.2- VARIÁVEL NÍVEL DE ESCOLARIDADE

A tendência para alterar o padrão silábico das proparoxítonas é tanto mais vigorosa quanto menor é o índice de escolaridade do falante nativo. É bom frisar que o falante de nível superior, também ele, apresentou um alto índice de provocador da regra. Não se pode perder de vista que, mesmo em ambiente informal, a probabilidade entre os falantes de nível superior tenha atingido .62 com vocábulos do tipo cálculo, xícara, cálice e vértice, sendo pronunciados como paroxítonos mesmo no formalismo de uma audiência jurídica, na sala de aula e em reunião de Câmara de Vereadores.

Num estudo dessa natureza, onde desde o início falou-se da natural aptidão do brasileiro (no nosso caso, o mineiro) para tornar paroxítono o vocábulo proparoxítono, por meio, principalmente, do apagamento de um segmento vocálico, seria de se esperar que aquele que conhece a língua só por transmissão oral, sem contato com a escola, sem a regra normativa da gramática tivesse uma probabilidade alta. E, de fato, foi o que se deu: .76. Fora da expectativa era o .62 do homem de nível superior. E aqui, mais uma vez, lembramos que, tal como o antigo habitante da Lusitânia romana, o homem de baixa escolaridade, ontem como hoje, longe do *grammaticus*, ontem, afastado do professor, hoje, é ele um forte agente causador da mudança.

8.3- VARIÁVEL ETÁRIA

É uma variável de grande importância para o estudo sociolingüístico, pois é a partir dela que se torna possível o esboço do estágio que uma regra variável desempenha dentro do sistema lingüístico: variação estável ou mudança em progresso. Segundo Tarallo (2004, p.65):

A relação de estabilidade das variantes (situação de contemporização) avultará, se entre a regra variável e a faixa etária dos informantes não houver qualquer tipo de correlação. Se, por outro lado, o uso da variante mais inovadora for mais freqüente entre os jovens, decrescendo em relação à idade dos outros informantes, você terá presenciado uma situação de mudança em progresso.

No entanto, essa variável ficou prejudicada, considerando ser muito baixo o número de idosos e de adolescentes entrevistados no Atlas mineiro – apenas 16 municípios mineiros – até a presente data. Com o aumento das entrevistas e uma concentração maior nos velhos e adolescentes será possível saber-se, com clareza, se há ou não uma mudança em andamento. Presos a que ficamos, a uma faixa etária estreita, com os extremos entre 25 e 65 anos, o resultado ficou neutralizado: .53 para os mais jovens e .47 para aqueles de mais de 45 anos.

8.4- VARIÁVEL CAMPO/CIDADE

Este foi um resultado surpreendente. Esperava-se que o campesino obtivesse um índice alto na aplicação da regra em relação ao habitante urbano. Afinal, a roça, afastada da escola, dos modernos meios de comunicação, com contatos diluídos, oferece um campo vasto para uma linguagem mais simples e mais liberta.

Ser camponês ou cidadão não representa fator importante de aplicação da regra variável em questão: .49 e .51, respectivamente, estão a indicar que não é este o fator responsável

Como o homem da cidade e o do campo, aqui pesquisado, foi o analfabeto ou o de escolaridade mínima, este comportamento nivelou tanto o homem que lavra a terra quanto o que trabalha na cidade. Ao pesquisarmos o analfabeto ou de escolaridade baixa na roça ou nos grandes centros urbanos, preponderou o fator escolaridade, reforçou a razão de o analfabeto fugir das proparoxítonas, mas impediu qualquer outro tipo de comparação, desde que quem tem curso superior não fica morando no campo como lavrador.

8.5- VARIÁVEL VIAS DE COMUNICAÇÃO

Diante do que se expôs no item anterior, sentimos necessidade de experimentar uma outra forma capaz de nos conduzir à verdade dos fatos que a nossa mente intuía

Considerando as recentes tentativas para explicar a formação de áreas lingüísticas, a origem de fronteiras lingüísticas e a posição particular de certos territórios lingüísticos que trazem, na base, a qualidade e a quantidade de comunicação, resolvemos incluir esse aspecto e dar-lhe um estudo à parte.

Debruçados sobre o mapa de Minas Gerais que tão bem conhecemos de nossas viagens, separamos os locais de fácil acesso daqueles mais afastados. Por locais mais afastados, levamos em conta uma série de dados. Não importava aqui se o ponto era populoso ou não, centro agrícola, pesqueiro ou comercial, se dispunha ou não de escolas públicas, se era centro de paróquia ou diocese. Importava saber se esses centros eram ou não confins de estrada, fins de rota.

Desta maneira, eliminaram-se os centros servidos por vias férreas e leitos navegáveis de rios, escoadouros das riquezas da região e de homens. Eliminaram-se, também, os centros cortados por estradas asfaltadas que significam a “a chegada do progresso” e eliminaram-se, inclusive, aqueles centros pequenos, atravessados por poeirentas rodovias, mas que são capazes de unir aquele ponto a diversos outros

Ficamos, deste modo, somente com os pontos de difícil acesso, definidos como aqueles sem ferrovia, sem rio navegável, sem rodovia asfaltada e, apenas, com estrada de terra sem outra possibilidade de saída que não a volta pelo mesmo caminho. Numa outra linguagem, menos científica, mas não menos verdadeira, os “grotões” a que os políticos se referem, os “fins de mundo”. São, por exemplo, as gentes simples e boas que vivem nas

localidades de Olaria, Coração de Jesus, São Sebastião do Maranhão, Poté, Agua Boa, Mato Verde, Jequitá e outras.

Confrontando os pontos encaixados neste quesito com os outros, obtivemos .77 contra .33, mostrando serem as vias de acesso (independente do rádio e da televisão) um agente poderoso para a maior ou menor aplicação da regra.

O altíssimo índice (.77) comprova serem as comunidades isoladas propensas à fuga do falar padrão e, conseqüentemente, conservadoras em relação à língua oral transmitida de geração em geração.

8.6- DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

De tudo que se expôs resulta que, de todos os fatores levantados, dois, particularmente, chamam a atenção e não fazem outra coisa senão determinar o rumo da língua portuguesa nesse domínio fonético.

O fato – óbvio demais – de o português não ser uma língua exclusivamente escrita (como o latim da Igreja Católica) mas, sobretudo, falada, com todas as conseqüências que o uso traz consigo, fez com que nascesse uma natural oposição entre o português ortográfico e o português pronunciado, falado. Fixada a ortografia no século XVI (e, para isso, o advento da imprensa representou um peso decisivo), desde os primórdios, os cânones norteadores, sucessivamente modificados, sempre partiram do eixo Lisboa-Coimbra, e essa oposição jamais deixou ou deixará de existir: o domínio da escrita é um caso de adestramento...

Essa oposição entre o escrito e o falado, entre o analfabeto e o de escolaridade acaba sendo uma oposição entre unidade e diferenciação (SILVA NETO, 1957). De um lado, a unidade normativa da escola, do discurso formal, da ortografia; do outro, a fala livre e despreocupada que traz em seu seio o germe inovador e, quase sempre, nunca contido do

caminho de um sistema lingüístico. E, no português, em sua deriva, comprova-se a existência de uma vigorosa força favorecedora da redução silábica nos vocábulos proparoxítonos.

O caminho parece ser uma “democratização” da língua: quando o homem de nível universitário diz ['vERTʃis] ou ['Oklus], ele foge da norma padrão e se coloca, socialmente, dentro da popular. Quer dizer: ele “desce” e caracteriza-se, em nosso ponto-de-vista, uma democratização da língua que tende a diminuir o divórcio entre o padrão e o popular. E, nas palavras de Zágari, o processo é recorrente, na medida em que repete noutro solo, noutro homem, noutro tempo, a fonologia diacrônica do português.

9- CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo do apagamento da vogal postônica, em vocábulos proparoxítonos, no português falado, no estado de Minas Gerais, possibilitou-nos verificar o comportamento lingüístico da *presença > supressão* da vogal supracitada, a fim de detectarmos se o fenômeno lingüístico em questão sofre ou não interferências de fatores lingüísticos e/ou extralingüísticos.

Com base nos resultados, é possível que sejam feitas algumas deduções sobre o fenômeno aqui pesquisado:

O fator *anos de escolarização*, no que refere-se aos fatores sociais ou extralingüísticos, é influenciador do uso desse fenômeno. Os menos escolarizados são os que mais realizam o apagamento da vogal postônica. E, à medida que se eleva a escolarização, o uso estigmatizado da variável vai cessando. Assim, confirmamos a idéia de que, quanto mais próximos da escola, mais os falantes empregam a variante padrão.

O *contexto fonológico seguinte* foi considerado pelo VARBRUL como o mais significativo, confirmando a nossa hipótese de esse fator ser correlacionado mais positivamente com o apagamento ou não da postônica. Sabemos que o padrão silábico CCV do português permite a formação de ataque complexo desde que a segunda consoante seja uma líquida (fósforo > fosfru; triângulo > trianglo). Ao formar o novo vocábulo, através da queda da vogal, esse padrão surge, resultando, assim, em um ataque complexo bem formado. Logo, a líquida lateral (.92) é a menor detentora do padrão: *músculo > musclo; óculos > oclus; maiúsculo > maiusclo*, seguido da líquida vibrante (.78): *árvore > arvre; chácara > chacra; xícara > xicra*.

Com relação ao *contexto fonológico precedente*, as fricativas apareceram como sendo as mais propícias ao apagamento da vogal postônica, seguidas da oclusiva. Isso porque

as oclusivas e fricativas apresentam maior força e menor sonoridade, tornando de fácil entendimento que elas sejam menos resistentes à supressão.

Um outro fator que observamos ao final de nossa análise e que, a princípio, não fora considerado no estudo do apagamento da postônica foi a *extensão da palavra*. Palavras polissílabas – com mais de três sílabas – são as grandes favoráveis ao apagamento. Isso nos leva a crer que, no “continuum” da fala, é mais fácil reduzirem-se os polissílabos, levando em consideração os ambientes propícios à redução de palavras, cujas vogais postônicas são, em geral, antecedidas por uma obstruinte e seguidas por uma líquida (*espírito > esprito*).

Também contribuiu ao nosso trabalho o *traço de articulação da vogal*. Para nós, ficou claro que as vogais labiais /o, u/ são as que apresentam maior aceitabilidade ao padrão. Enquanto o peso maior incide nas sílabas com vogais coronais /e, i/, sendo esta a maior favorecedora da supressão, as sílabas com vogal dorsal /a/ aparecem muito próximas do ponto neutro.

Para que seja possível traçar o perfil da comunidade em estudo e permitir que se façam comparações com estudos sobre o mesmo fenômeno realizados em outras partes do país, é de suma importância estabelecer o papel que cada variável desempenha dentro do processo de variação.

Cabe também, neste capítulo final, uma referência à importância dos estudos sociolingüísticos, hoje em dia, tanto para a aprimoração da lingüística teórica, quanto para a prática dos resultados, que pode ser trabalhada pela lingüística aplicada.

A partir do panorama histórico traçado neste trabalho, observamos que, embora muitos admitam que a língua muda, há muitas controvérsias no que diz respeito às causas dessas mudanças. Alguns atestam que a causa é estrutural ou funcional; outros admitem a influência social nessas mudanças. Todas essas posições foram retomadas, de uma forma ou

de outra, pela teoria da variação lingüística, que tornou o estudo da variação e da mudança mais sistemático.

Porém, a variação lingüística não pode ser desprezada. A língua existe em função do equilíbrio de duas forças – uma conservadora, que a faria parar, caso não fosse bem equilibrada, e outra que tende a mudá-la e que, também não sendo bem trabalhada, a faria destruir-se e dissolver-se. É exatamente a luta entre essas duas forças que produz a variação lingüística.

Está o descobrir, no estudo da mudança lingüística, de muitos outros fenômenos e características de outras línguas. Um alargamento sobre o passado das línguas, unido aos métodos mais modernos de observação de um recorte sincrônico da língua produzirão novas teorias sobre a variação e a mudança nos sistemas lingüísticos.

REFERÊNCIA

AMARAL, M. P. do. **As proparoxítonas: teoria e variação**. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 1999.

BISOL, Leda (org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 3ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BORGES NETO, José. **O empreendimento gerativo**. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004.

BRESCANCINI, Cláudia Regina. A análise de regra variável e o programa VARBRUL 2S. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia. **Fonologia e Variação**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolingüística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **Problemas de lingüística descritiva**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1973.

_____. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2002.

CHAMBERS, J. K. **Sociolinguistic theory**. Oxford: Blackweel, 1995.

CLEMENTS, G. N. **The role of the sonority cycle in core syllabification**. In: KINGSTON & BECKMAN (eds). *Papers in laboratory phonology I: between the grammar and physics of speech*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990, p. 283-333.

CORVALÁN, Carmem Silva. **Sociolingüística: teoria e análise**. Madrid: Alhambra, 1989.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. Rio de Janeiro: Editora ao Livro Técnico, 1976.

JANSON, Tore. **Sound change and perceptual compensation**. *Language Sciences*, 1982.

LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University, Pennsylvania Press 1972.

_____. **The study of change in progress: observations in real time**. In: *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford: Blackwell, v. 1, 1994.

_____. **Principios del cambio lingüístico**. Vol.1. Madrid: Editorial Gredos, 1996.

LUCCHESI, Dante. **Sistema, mudança e linguagem: um processo da lingüística neste século**. Lisboa: Colibri, 1998.

MILROY, Lesley; GORDON, Matthew. **Sociolinguistic method and interpretation**. In: Handbook of Sociolinguistic. Oxford: Blackwell, 2003.

NARO, Anthony J. **The swaminc program**. Rio de Janeiro, PUC, mimeo, 1974.

PERINI, M. A. **A Gramática gerativa: introdução ao estudo da sintaxe portuguesa**. Belo Horizonte: Vigília, 1976.

PINTZUK, Susan. **VARBRUL programs**. Mimeo, 1988.

ROCHA, Ana Paula Antunes. **O presente para explicar o passado na fonética do português**. Dissertação de Mestrado. Juiz de Fora: UFJF, 2001.

SAPIR, Edward (1921). **A linguagem. Introdução ao estudo da fala**. Tradução de Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1999

SILVA, Rosângela Neres Araújo da. **Variação ter/haver na fala pessoense**. Dissertação de Mestrado, João Pessoa: UFPB, mimeo, 2001.

SILVA, Thaís Cristófaru. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 6. ed. Revisada – São Paulo: Contexto, 2002

SILVA NETO, Serafim. **História do latim vulgar**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1957.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. São Paulo: Ática, 2004.
_____. **Tempos lingüísticos: Itinerário histórico da língua portuguesa**. São Paulo: Ática, 1990.

ZÁGARI, Mario R. L. **Fonologia diacrônica do português**. Juiz de Fora: UFJF, 1988.
_____. et alii. **Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1974.